

DA ESCOLA AO QUILOMBO: TRAJETÓRIA SÓCIO ESPACIAL DO PIBID DE GEOGRAFIA ARAGUAÍNA / TO

FROM SCHOOL TO QUILOMBO: SPATIAL TRAJECTORY OF PIBID OF GEOGRAPHY ARAGUAINA / TO

Izarete da Silva de Oliveira 1
Paloma Pereira da Silva 2
Kênia Gonçalves Costa 3

Professora Concursada da Rede de Ensino da Educação Básica e
Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território-
PPGCult do Câmpus de Araguaína da Universidade Federal do Tocantins. 1
E-mail: profizareteoliveira2016@gmail.com

Graduada em Licenciatura Plena em Geografia do Câmpus de 2
Araguaína na Universidade Federal do Tocantins. E-mail: pallomasilva762@
gmail.com

Professora do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação 3
em Estudos de Cultura e Território -PPGCult do Câmpus de Araguaína da
Universidade Federal do Tocantins. E-mail: keniacost@uft.edu.br

Resumo: O presente trabalho objetiva evidenciar a realização de práticas educativas na Educação Básica a partir da inserção do PIBID do curso de Geografia da UFT. As primeiras ações foram desenvolvidas em 2014, com participação no Projeto Axé na Caixa. No ano de 2016 no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes realizamos ações na semana da Consciência Negra com oficinas e visita a comunidade quilombola Dona Juscelina. Foram utilizadas exposição de vídeos, filmes e gincana com abordagem dos diferentes tipos de discriminação que oprimem a crianças e jovens negros no Brasil. Assim, a culminância das ações ocorreu tanto no âmbito escolar contemplando as demandas do PPP, como na visita na comunidade quilombola. As atividades desenvolvidas possibilitaram a compreensão de currículo conforme San cristán (2000), Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2013), quilombo em Ratts (2006) e importância do PPP, como importantes instrumentos para a garantia de uma educação básica com qualidade.

Palavras-chave: Escola. Lei. PIBID. 10.639/2003. Quilombo.

Abstract: The present work aims to demonstrate the accomplishment of educational practices in Basic Education from the insertion of the PIBID of the course of Geography of UFT. The first actions were developed in 2014, with participation in the Axé na Caixa Project. In the year 2016 at the Adolfo Bezerra de Menezes State College, we carried out actions in Black Consciousness Week with workshops and visits to the Quilombola community Dona Juscelina. Exposition of videos, films and gymnastics were used to address the different types of discrimination that oppress black children and young people in Brazil. Thus, the culmination of the actions occurred both in the school context contemplating the demands of the PPP, and in the visit to the quilombola community. The activities developed allowed the understanding of curriculum according to San cristán (2000), Law 10.639 / 2003 (BRAZIL, 2013), quilombo in Ratts (2006) and importance of the PPP, as important instruments for guaranteeing a basic education with quality.

Keywords: School. Law. PIBID, 10.639 / 2003. Quilombo.

Introdução

No desenvolvimento das atividades pedagógicas o principal instrumento que norteia as ações na unidade de ensino é o Projeto Político Pedagógico – PPP, partindo do pressuposto como este é nomeado na Lei de Diretrizes de Base – LDB vigente, como sendo uma proposta ou mesmo um projeto que tem como função efetivar a democracia nos espaços escolares. Dentre tantas funções do PPP é desenvolver a autonomia no fazer pedagógico.

Deste modo, estritamente interligada a identidade que a Escola possui e pode ser visualizado no projeto pedagógico que é instituído, um instrumento conciliador das diferenças que estão imbricadas nas vivências no âmbito escolar. Neste contexto, quando se elabora um projeto político pedagógico que contempla a Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2013), instrumento que efetiva uma educação que se aproxima da educação ideal, aquela que almeja atender a todos os estudantes na sua diversidade. Como assevera Brasil (2013),

[...] cabe a escola, considerada a sua identidade e a de seus sujeitos, articular a formulação do projeto político-pedagógico com os planos da educação nacional, estadual e municipal, o plano de gestão, o contexto em que a escola se situa e as necessidades locais e as de seus estudantes. (BRASIL, 2013. p.48).

Compreende-se que a educação planejada a partir do projeto político pedagógico elaborado conjuntamente entre escola e comunidade em geral, deve estar em consonância com a educação ofertada nas três esferas, e principalmente ter uma identidade condizente com as dos estudantes atendidos por esta, cumprindo a função social que lhes cabe.

Integrado ao projeto político pedagógico está uma gama de conhecimentos propostos por um currículo que tenha uma concepção que valorize as questões que se relacionam com os fatos sociais, culturais e históricos onde está inserida. Entendendo currículo como é abordado por Sancristán (2000),

[...] o currículo relaciona-se com a instrumentalização concreta que faz da escola um determinado sistema social, pois é, através dele que lhe dota de conteúdo, missão que se expressa por meio de usos quase universais em todos os sistemas educativos, embora por condicionamentos históricos e pela peculiaridade de cada contexto, se expresse em ritos, mecanismos, etc., que adquirem certa especificidade em cada sistema educativo. (SANCRISTÁN, 2000. p. 15)

Desta maneira, o currículo inserido no PPP é efetivado na práxis escolar como um modelo de fazer pedagógico educativo em coerência com as necessidades do público que faz uso deste, respeitando as peculiaridades da comunidade e seus valores. Nesta reflexão, notadamente se faz urgente uma abordagem sobre a importância da aplicabilidade da Lei 10.639/2003 no cotidiano escolar brasileiro. Reflexões possíveis por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID do curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins - UFT – Campus CIMBA /Araguaína - TO e oportunizaram o envolvimento da comunidade escolar na efetivação das propostas contidas no PPP.

Deste modo consta no PPP desta unidade de ensino a necessidade de efetivação de ações de cunho étnico-raciais devido à pluralidade cultural: “[...] dada a diversidade étnica e cultural da sociedade brasileira a escola deverá combater o preconceito e a discriminação através do diálogo e vivências de sua cultura e do respeito às outras formas cultural [...]” (ARAGUAÍNA, 2016. p.42).

Assim, o PIBID de Geografia em parceria com a Unidade Escolar realizou ações com o objetivo de contemplar a aplicabilidade da Lei 10.639 (BRASIL, 2013) e do Projeto Político Pedagógico. Proporcionando diálogos necessários entre a Escola e a Universidade sobre as questões étnico-raciais inerentes à sociedade brasileira, reafirmando positivamente a pluralidade e contribuindo no combate ao racismo e a discriminação racial no ambiente escolar.

PIBID de Geografia e PPP: interlocuções étnico-raciais

Dentre as ações realizadas ressalta-se a realização do Projeto Axé na Caixa (2014), Oficinas em Comemoração a Semana da Consciência Negra e a Visita à Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - TO, sucedidas a partir de novembro a dezembro de 2016.

As ações tinham como objetivos principais fomentar assuntos referentes ao combate ao racismo e discriminação racial na escola; valorização da cultura negra e contribuição do povo negro para a construção do Brasil; resgate da memória coletiva e história do povo negro; positividade da identidade negra (corporeidade negra e textura do cabelo). Constituindo, assim debates importantes na construção de uma consciência para o respeito à diversidade e para o entendimento da importância da história/cultura negra.

Assim, aconteceram as ações em duas etapas: primeiro no Ano de 2014 no Centro de Ensino Médio Dr. José Aluísio da Silva Luz com o Projeto Axé na Caixa. Este objetivou a realização de pesquisas contemplando os conteúdos de segundas séries na disciplina de Geografia, no que refere a Lei 10.639/2003 inserida na estrutura curricular estadual. Observando as habilidades e as competências que deveriam ser efetivadas pelos estudantes. Deste modo, o que é preconizado na lei citada acima, garante a obrigatoriedade de estudar os conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira.

Neste contexto, pesquisamos sobre as comunidades quilombolas existentes no estado do Tocantins e ao obter tais informações produziu-se um quadro citando as 32 comunidades quilombolas já certificadas e reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares – FCP. Nos diálogos entre os estudantes, bolsistas e supervisora do PIBID, sobre as informações obtidas, notou-se a existência de duas comunidades quilombolas urbanas: a Comunidade Quilombola Urbana Mata Grande em Monte do Carmo e a Comunidade Quilombola Urbana Dona Juscelina em Muricilândia – TO. Ressaltamos e que foi abordado sobre a cultura e os saberes destes quilombolas, como: a dança, a culinária, o artesanato, a religiosidade, dentre outras questões como o modo de viver e ser.

Desta prática de ensino-aprendizagem resultaram as inquietações que impulsionou a supervisora do PIBID, professora Izarete da Silva de Oliveira alçar outros conhecimentos no espaço acadêmico o que oportunizou a realizar uma pesquisa de mestrado sobre a comunidade quilombola Dona Juscelina com título: Território e Territorialidade nos limites do rural e urbano, na Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO defendida em 13 de maio de 2018 na própria comunidade.

Enquanto na segunda etapa, ocorreu no ano de 2016 no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes com realização de oficinas que contemplaram estudantes do ensino fundamental e médio culminando com a Semana da Diversidade Cultural comemorada na Unidade escolar anualmente. A dinâmica “*Diálogos sobre preconceito e racismo entre alunos (as)*” que foi realizada nas dependências da escola campo com turmas do ensino fundamental e médio, respectivamente, em dois dias. Assim, foram programadas com didáticas diferentes de acordo com as fases de ensino.

Deste modo, a oficina do Ensino Fundamental foi realizada no dia 22/11/2016, no período vespertino, foram escolhidas 03 (três) turmas do ensino fundamental: 6º, 7º e 8º anos. Esta aconteceu em dois momentos: a) em salas distintas para exibições de vídeos/documentários; e b) coletivamente na quadra para explanações e debates a cerca dos temas propostos. Primeiramente, foram expostos três vídeos: “Vista a minha pele”, “Xadrez das cores” e “Documentário sobre estética e cabelos afro: Espelho, espelho meu!”.

O vídeo “**Vista minha pele**” tem duração de 24 minutos, com direção de Joel Zito Araújo; coordenação geral de Hédio Silva J. O roteiro trata de uma paródia da sociedade atual, mostrando de forma atraente e com atores e atrizes na faixa etária do público alvo, assuntos como o racismo e discriminação racial no Brasil. O principal diferencial do filme é que é uma história invertida, em que nesse caso, a classe dominante são os (as) negros(as) e os(as) brancos(as) são os que foram escravizados(as). Os países pobres, por exemplo, são Alemanha e Inglaterra, e os ricos são África do Sul e Moçambique.

Nessa história a protagonista é uma menina branca - Maria, que estuda num colégio particular e é bolsista, pois sua condição financeira não permite. Maria sofre hostilidade e discriminação por parte dos(as) seus(as) colegas da escola, por causa de sua cor. Maria quer ser Miss Festa Junina da escola, mas para isso necessita vencer muitos obstáculos como: a) supremacia racial negra, em

que a mídia só mostra os(as) negros(as) como sinônimo de beleza; b) a discriminação racial de seus colegas; c) a resistência de seus pais para que não participe do concurso. No entanto, ela sonha com o dia em que se sentirá representada na sociedade, quer assistir a TV e ver artistas brancos como ela, sentir que a sua beleza também é reconhecida, estudar na escola sobre a história de luta de seu povo. Assim, Maria com a ajuda de Luana se envolve em algumas aventuras para vencer o racismo e alcançar seus objetivos. Percebemos, no decorrer dos acontecimentos, que vencer ou não o concurso não é o principal foco da história, mas sim o esforço e dedicação de Maria em enfrentar tudo. Além da problematização do que é ser negro(a) no Brasil e na escola, de uma forma didática e chamativa para o telespectador.

O curta metragem **“Xadrez das cores: o preconceito e o desafio da acolhida da diversidade”** com duração de 21 minutos e dirigido por Marco Schiavon conta a história de uma mulher negra que vai trabalhar para Maria, uma senhora de 80 anos, branca, sem filhos, viúva e muito racista. A temática do vídeo é que a história se dá como se fosse um jogo de xadrez, relacionando as peças pretas ao negro, neste caso representado pela Cida e as peças brancas ao branco, representada pela Maria. Como num jogo de xadrez, assim, também constitui a vida de Cida e Maria nessa história. Ao final, deparamos com um desfecho surpreendente. Esse filme serviu como material para discussão com os(as) alunos(as), focando uma das coisas que mais chama a atenção no filme: a vontade de persistir, de mudar e vencer de Cida, o racismo escancarado de Maria e como a história termina.

O documentário sobre estética e cabelos afro **“Espelho, espelho meu!”** foi produzido por Elton Martins e possui 17 minutos de duração. É constituído por vários depoimentos a respeito da corporeidade negra, aceitação e identidade, principalmente do cabelo afro. O documentário apresenta a fala de várias pessoas: como crianças, adolescentes e adultos sobre a questão da identidade e estética negra. Todos falam sobre suas experiências e concepções a respeito, da valorização da beleza negra, identidade, importância de grupo nas redes sociais que valorizem a beleza negra. Além disso, também tem a fala de um historiador durante todo o filme que fala respeito da importância da aceitação do cabelo crespo e como a família pode ajudar nesse processo. O vídeo é um convite às discussões a respeito do cabelo crespo e a forma com ele é visto atualmente e na escola.

Depois da exposição dos vídeos, as turmas foram encaminhadas para a quadra de esportes onde houve uma socialização de assuntos referentes aos vídeos. Os (As) estudantes foram convidados ao debate, apresentaram suas ideias e argumentos a respeito: de que vídeos/documentários mais gostou e por que; o que lhe chamou mais atenção; que sentimentos lhes causaram; suas opiniões.

Em seguida os estudantes deram depoimentos, relacionando com situações de discriminação racial que já vivenciaram. Alguns se posicionaram demonstrando orgulho pela sua identidade afrodescendente, podemos destacar a expressividade de um aluno que cantou um rap (estilo musical) com uma letra que contemplava o orgulho negro. Foi muito significativo esse diálogo, porque sabemos que conversar sobre tais assuntos é o melhor caminho para a eliminação do racismo no ambiente escolar.

Os objetivos desta prática pedagógica foram: a) valorizar a diversidade cultural considerando situações cotidianas; b) compreender como o racismo interfere na vida cotidiana; c) sentir-se no lugar do outro percebendo como é ser vítima de discriminação e, d) compartilhar e ouvir experiências pessoais, refletindo sobre o que escutam.

Enquanto a oficina realizada no Ensino Médio por meio de uma dinâmica aplicada nas turmas de 1º, 2º e 3º anos. Com o objetivo principal de discutir o conceito de discriminação, os estudantes deveriam entender que existem diversos tipos de preconceito e discriminação e que estes podem estar presentes no seu cotidiano. Ainda nas salas os (as) alunos (as) receberam fitas de identificação coloridas com o intuito de formar grupos.

Os grupos foram formados e divididos por cores, respectivamente, cada grupo discutiria a cerca de um tipo de discriminação, mediado cada um por uma bolsista do PIBID. No segundo momento, já com os grupos formados, os (as) discentes foram encaminhados para a quadra de esportes. Nesta etapa teriam que discutir por mediação da bolsista o conceito do seu grupo, aplicabilidades no cotidiano e formas de combater. Além de compartilhar experiências, ouvir e refletir a respeito de tais questões tão inerentes a nossa sociedade.

Os objetivos dessa atividade foram: a) compreender que a sociedade brasileira é formada

por pertencentes a grupos com culturas distintas; b) fortalecer a identidade étnico-racial e, c) ampliar informações sobre a diversidade e entender que a discriminação ou preconceito também existem quando julgamos pessoas pela sua classe social, sua cultura (crenças, costumes, hábitos) e/ou critérios relacionados à aparência, não somente pelo viés racial.

Portanto, podemos destacar aqui que os grupos conversaram sobre seu tema, deram depoimentos e socializaram situações vistas ou vividas, prepararam cartazes, músicas, desenhos, criaram peças teatrais etc. Em seguida foi socializada uma apresentação de cada grupo. De forma que usaram como fonte eles mesmos, ou seja, suas experiências, seus conhecimentos e vivências.

Por último, uma bolsista fez uma comunicação oral, fixando e afirmando a importância do respeito à diversidade e o fortalecimento de identidade. Pensamos nessa atividade com o objetivo maior de socializar e comunicar entre os (as) alunos (as) a respeito das relações raciais entre eles, focando sempre no discurso aberto, livre, oportunizando ao (a) aluno (a) expor suas opiniões e ouvir o outro.

[...] mais que pensar a reorganização das disciplinas há que se pensar como o cotidiano escolar – em seus tempos, espaços e relações – pode ser visto como um espaço coletivo de aprender a conhecer, respeitar e valorizar as diferenças, o que é fundamental para a construção da identidade dos envolvidos no processo educacional (SOUZA, 2006, p. 18).

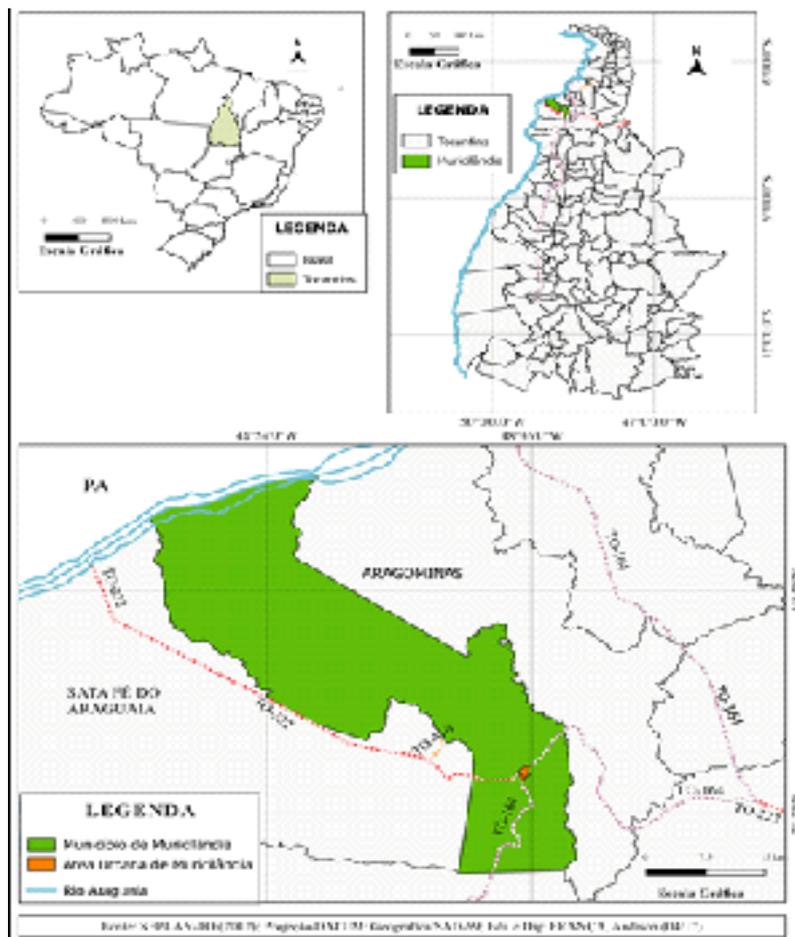
Essa atividade teve um grande significado, pois refletimos sobre o papel da escola e de todos os agentes, além do (a) estudante se ver como atuante nesse processo. Ver a escola, além de um espaço de troca, não só de conhecimento, como de comunicação e convivência com as diferenças.

Culminância das Ações da Semana da Consciência Negra: trajeto e narrativas ancestrais da Comunidade Quilombola Dona Juscelina

Vale ressaltar que antes da aula campo à comunidade quilombola Dona Juscelina, a Supervisora do PIBID, realizou um pré-campo com os estudantes e abordou a respeito de conceitos como: o que é uma comunidade remanescente de quilombolas, como é a organização da comunidade a ser visitada, como está distribuída as comunidades quilombolas no Estado do Tocantins, assim como se portar durante a visita na comunidade.

Assim, realizamos uma aula campo (foto 01) aos 03 de dezembro de 2016 na Comunidade Quilombola Dona Juscelina conforme figura de mapa 01, composta por estudantes secundaristas, coordenadores e professores do Colégio Adolfo Bezerra de Menezes e, professores da Universidade Federal do Tocantins - UFT, acadêmicos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID.

Mapa 01: Mapa de localização Geográfica da Comunidade Quilombola Dona Juscelina



Fonte: OLIVEIRA, 2017. (Dados organizados pela autora)

Deste modo durante as atividades de interlocução entre a matriarca Dona Juscelina com todos os presentes, nos permitiu ouvir e conhecer suas narrativas ancestrais, a matriarca é protagonista na maioria das narrativas que fizeram e fazem parte das suas vivências. Esta aula campo teve como objetivo a concretização da ação 06 do Projeto Político Pedagógico, na Área de Humanas. Ação que contempla a efetivação da Lei 10.639/2003, garantindo a obrigatoriedade da aplicação de estudos relacionados a cultura afro-brasileira, além de fazer parte das ações relacionadas a comemorações do Dia da Consciência Negra.

Foto 01 - Participantes da aula campo, realizada durante a visita a comunidade quilombola D. Juscelina em 03 de dezembro de 2016.



Fonte: OLIVEIRA, 2016. (Acervo do PIBID de Geografia)

Assim, a visita à comunidade propiciou aos estudantes conhecimentos sobre a realidade que é vivenciada pelo povo quilombola. Percebemos as dificuldades e a diversidade que compõe a sociedade tocantinense, que é resultado da hibridização cultural.

Na oportunidade foi refletido sobre a conceituação de quilombo, partindo da definição dada por Ratts (2006, p.59) “[...] quilombo é uma história. Essa palavra tem uma história. Também tem uma tipologia de acordo com a região e de acordo com a época, o tempo. Sua relação com o território [...]”. Discorreu-se sobre a comunidade quilombola Dona Juscelina que não difere das outras comunidades quilombolas no Brasil e Tocantins. Esta comunidade se organiza com resistência por meio de suas ações políticas configurando-se como um local de tensões e conflitos.

Nesta experiência, os estudantes tiveram o privilégio de conhecer a matriarca, uma viúva de 86 anos que luta para deixar seu legado, através da oralidade, o que pode ser notado na constituição do Coletivo de Griôs (foto 02), todos vivem na comunidade quilombola.

Foto 02: Roda de conversa entre os estudantes e o Coletivo de Griôs: espaço de interlocução e narrativas sobre a migração da Matriarca Dona Juscelina



Fonte: OLIVEIRA, 2016. (Acervo do PIBID de Geografia)

Os Griôs tem um importante papel que é contar histórias que fazem parte da historiografia da comunidade. A matriarca relatou de onde vieram, descrevendo o trajeto da cidade de Nova Iorque - MA até a cidade que vive hoje.

[...] Viemos num grupo de dezesseis pessoas, tudinho da minha família, papai, irmãs, sobrinhos, netos, tios, irmãos... saímos da cidade de Nova Iorque no Maranhão, em meados do ano de mil novecentos e cinquenta e seis, caminhamos durante dois meses, a pé até chegar na cidade de Cristalândia... nunca estrupíamos [...] Permanecendo lá por um tempo, cidade muito boa... depois passando por Araguaína [...] viemos pra cidade de Muricilândia, chegando no ano de mil novecentos e sessenta e dois. (entrevista cedida pela matriarca Dona Juscelina em 09/01/2016).

As narrativas contam os trajeto de Dona Juscelina e seus familiares, ressaltou ainda que, são as histórias que fazem parte da construção da identidade da comunidade, e que não devem ser esquecidas. A matriarca contou sobre as festividades que fazem parte da agenda cultural da cidade, dentre estas, a principal é a comemoração do Dia 13 de Maio, dia da abolição da escravidão. Principalmente não se deve esquecer as garantias contidas na Constituição Federal, como assevera Brasil (2013) no “[...] art. 68: aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. (BRASIL, 2013. p. 78).

Neste contexto, durante as falas na roda de conversa uma liderança quilombola, informou que foi preciso criar um decreto que viesse dar garantia na efetivação do território quilombola, ou seja, o decreto 4887 de 2003, ou seja, o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT que, “[...] regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias”. (BRASIL, 2003. p. 01)

Deste modo, fomos informados que a comunidade vem passando pelo processo de elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação - RTID para ser delimitada a área do território a ser entregue aos quilombolas, uma luta política para garantir a principal política pública. No final das falas, foi servido um almoço a todos e todas que faziam parte equipe da visita e retornou-se ao meio dia para Araguaína, na certeza que as políticas públicas são meios que viabilizam a qualificação da educação e concomitantemente, a aprendizagem.

Considerações Finais

O desenvolvimento das atividades realizadas, tanto na escola, como na Comunidade Quilombola possibilitou espaços de discussão, diálogo e troca sobre as relações étnico-raciais, tanto para a escola, como para a Universidade por meio do PIBID. Diante das ações entendemos o quanto é importante à atuação do(da) discente nesse processo de discussão, já que na educação brasileira em geral normalmente percebemos a ausência de debates que promovam as relações raciais.

O PIBID de Geografia, por meio de sua promoção e participação nas atividades, obteve experiências sobre como lidar/promover atividades sobre as questões étnico-raciais, sendo assim um momento também de formação, enquanto iniciação à docência, diante da necessidade urgente de trabalhar com a diversidade e diferença.

Assim, consideramos que as propostas são estratégias de aproximação entre a escola e a comunidade, uma vez que o(a) estudante compreende que o Quilombo não está tão longe e que por vezes, tais narrativas também fazem parte do seu cotidiano. Entendendo a formação do povo brasileiro, por meio da sua história, o (a) discente se identifica e cria em si sentimento de pertencimento, além de refletir sobre a contribuição através da história de um povo que teve um grande papel na construção do Brasil e constitui raízes de grande parte da população atual do país. Além de analisar como tais estão inseridos na sociedade, seus processos políticos e de luta pelos direitos, questões importantes e pertinentes hoje no nosso país.

Para a Comunidade Quilombola Dona Juscelina, notamos que é importante estabelecer um diálogo com a escola, uma vez que estabelecer diálogo com os jovens é compartilhar saberes, é resgatar sua história por meio da oralidade.

Desta forma, as ações realizadas indicam caminhos a seguir para eliminação do racismo e discriminação no ambiente escolar, na contribuição na construção da identidade negra dos (das)

estudantes, além de resgatar a contribuição do povo negro nas diversas áreas pertinentes à história do Brasil. Estabelecendo uma importante relação entre a disciplina de Geografia e as questões étnico-raciais, destacando a relevância e obrigatoriedade desses conceitos dentro do currículo escolar.

Referências

ARAGUAÍNA, 2016. **Projeto Político Pedagógico – PPP** do Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes. 2016. 62p.

BRASIL, 2013. Plano Nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: MEC, SECADI, 2013. 104 p.

BRASIL, 2013. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p.

BRASIL, 2013. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: 2013. 112p.

BRASIL, 2013. **Lei nº 10.639** D.O.U. de 9 de janeiro de 2003. Presidência da República, Casa Civil. Brasília, DF.

BRASIL, 2003. **DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acessado em 07 de junho de 2018.

RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial (SP) e Instituto Kuanza, 2006.

SANCRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. 352 p.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Ensino Médio** In.: BRASIL, **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: SECAD, 2006. 262 p.

Recebido em 20 de dezembro de 2018.

Aceito em 10 de junho de 2019.